

Título: O corpo e o Outro

Autora: Sandra Maria Espinha Oliveira – Psicóloga, Analista praticante, Membro da EBP.

Psychologist, Practicing analyst, EBP Member.

E-mail: sandra_espinha@uol.com.br.

Resumo: A partir da colocação, em primeiro plano, do efeito de gozo do significante, que privilegia o significante sozinho, em seus efeitos de afeto sobre o corpo, o texto investiga a afirmação de Lacan de que a linguagem intervém sempre sob a forma do real de *lalíngua* e de que é a esse real que a criança é, primeiramente, e de maneira bruta, confrontada. É, ainda, a partir do enfoque na conexão direta entre o corpo e a linguagem que o texto aborda a concepção do sintoma como o que veicula uma cifra de gozo que não inclui o Outro e cujo destinatário é o próprio sujeito. Com essa orientação, é retomada a afirmação de Lacan sobre a infância como uma época decisiva em que os sintomas se cristalizam.

Palavras-chave: Criança, sintoma, gozo, *lalíngua*, linguagem.

THE BODY AND THE OTHER

Abstract: From the placement in the foreground of the *jouissance* as the significant effect, which privileges the significant alone, in its effects of affection on the body, this text investigates the Lacan's statement that the language always intervenes in the form of the real of *lalangue* and that this is the real that the child is, first and crude way, confronted. Also, is from the focus on direct connection between body and language that the text covers the conception of the symptom as that conveys a cipher of *jouissance* that does not include the Other and is addressed to the subject itself. With this orientation, is resumed the Lacan's statement on childhood as a critical time when symptoms crystallize.

Keywords: Child, symptom, *jouissance*, *lalangue*, language.

O corpo e o Outro

Sandra Maria Espinha Oliveira

Segundo J.-A. Miller, "uma orientação da psicanálise para o real encontra, primeiramente, não o inconsciente, mas o sintoma" (MILLER, 2008, p.74).

Considerar o sintoma como o real da experiência psicanalítica, que nos levaria para além do inconsciente como produtor de sentido, é tomá-lo como um modo de gozo. Para Miller, o sintoma-gozo, tal como Lacan o elabora em seu último ensino, pode ser um nome para esse mais além do inconsciente (MILLER, 2008). Como um modo de gozo, o sintoma faz com que o corpo vivo seja introduzido no ensino de Lacan com o conceito de *fallasser*, termo que reúne o sujeito e o corpo e estabelece uma nova versão lacaniana do significante, não apenas como o que mortifica o gozo do corpo, mas como um real, um condensador de gozo, que coloca em questão uma causa. "O significante é causa do gozo" (LACAN, 1972-1973/1985, p.36) que vivifica o corpo.

De mensagem endereçada ao Outro, a mensagem cifrada, cujo destinatário é o próprio sujeito, no monólogo autístico de seu gozo, o que passa a ser a referência do sintoma é uma cifra de gozo que não inclui o Outro. Segundo Miller (2008), essa nova articulação lacaniana entre o sintoma e o gozo constitui um retorno de Lacan ao Freud que aborda o inconsciente em sua articulação com a pulsão, que "quer gozar e goza de maneira derivada".

De acordo com Miller:

"O que é real no sintoma é o que serve ao gozo. Que isso fale, que seja uma mensagem, que se decifre, não está no mesmo nível daquilo para o que ele serve. Pois bem, eu digo que é este tormento, situado neste lugar, o que define hoje o que é ser lacaniano" (MILLER, 2008, p.51).

O sintoma como o que serve ao gozo "vem do real" (LACAN, 1974/2011, p.17), o que não quer dizer que ele se oponha ao significante. Ele é, antes, o que aponta para o vazio inaugurado pelo encontro material da linguagem com o corpo como suporte de um "se gozar" (MILLER, 2004, p.48).

As primeiras teorizações sobre o corpo no ensino de Lacan apresentam um corpo pensado a partir da vertente mortificante do significante. Se há gozo, como efeito do significante, este é um gozo residual, o gozo do mais-de-gozar (*a*), que se articula, na fantasia, como um suplemento de vida, ao sujeito já morto do significante (*S/*).

É em torno do *Seminário 20* que Lacan passa a privilegiar o efeito de gozo do significante sobre seu efeito mortificante. Ele vai chamar de *sinthoma* a incidência de gozo que o significante tem sobre o corpo, para além da fantasia. O saber do inconsciente trabalha para produzir gozo. Ele não é simplesmente uma estrutura, mas um funcionamento.

Aqui, o gozo não conhece oposição e está por todas as partes. Lacan faz dele uma *outra satisfação*, a satisfação do *blá-blá-blá*, que liga significante e corpo. Afirma-se que “não há gozo do corpo senão pelo significante, e há gozo do significante somente porque o ser da significância está enraizado no gozo do corpo” (MILLER, 2008, p.389). É nessa perspectiva que Lacan vai dizer que: “O inconsciente é que o ser, falando, goze e [...] não queira saber de mais nada.”

A colocação, em primeiro plano, do efeito de gozo do significante privilegia o significante sozinho, o S1, em seus efeitos de afeto sobre o corpo. O enfoque é a conexão direta entre o corpo e a linguagem, a partir do qual o sintoma é pensado menos como o que integra a pulsão em um esquema de comunicação e mais como o que veicula uma cifra de gozo que “se basta” (LACAN, 1962-1963/2005), que não inclui o Outro, e cujo destinatário é o próprio sujeito.

É com o conceito de *lalíngua* que Lacan nos apresenta um simbólico desarticulado do Outro e referido ao Um do gozo, que fala para si próprio com a pulsão. No lugar do Outro que não existe, Lacan parte da evidência de que “há o gozo” como propriedade de um corpo vivo e que fala. “O inconsciente não é simplesmente ser não sabido.” O inconsciente consiste em gozar de um saber sem que seja necessário “saber que se sabe para gozar de um saber” (LACAN, 1975/1998, p.9)

A substituição da verdade pelo gozo implica a substituição da linguagem pela *lalíngua*. A ordem simbólica é substituída por um simbólico cuja característica não é o traço diferencial do significante, mas o buraco que ele faz no seu encontro traumático com o corpo. Na vertente da verdade e da linguagem, o sintoma é uma formação do inconsciente, que se decifra e faz sentido. Na vertente do gozo e de *lalíngua*, o sintoma é um nome para um inconsciente real, não analisável, que não trabalha para o sentido, mas para o gozo. Na *lalíngua*, a “linguagem é o real” (MILLER, 2011, s/p) ela se reduz à sua matéria significante, à letra, e não se presta à decifração. Aqui, o sentido do sintoma é o real (LACAN, 1974/2011), ou seja, o

sentido do sintoma é o sem sentido do gozo. O real do gozo é primeiro em relação ao sentido que o sujeito lhe dá (MILLER, 2011) pelo sintoma.

O inconsciente real é "o inconsciente como o impossível de suportar. [...] o que é buraco (*trou*), o que é excesso (*trop*), o que é *tropmatisme* ou *troumatisme*" (MILLER, 2013, p.9). O *falasser* é diretamente confrontado com o real, sem a interposição do significante. No real de *lalíngua*, o Outro não é o Outro com o qual o sujeito tem uma relação significativa, mas o Outro representado por um corpo vivo e sexuado. Nesse nível, não há relação significativa (MILLER, 2008). No nível sexual, a relação passa pelo gozo do corpo, e o Outro é um sintoma do *falasser*, seu meio de gozo. No sintoma, goza-se do corpo do Outro, entendendo-se por corpo do Outro o corpo próprio, em sua dimensão de alteridade, e o corpo do próximo como um meio de gozo do corpo próprio (MILLER, 2008).

É a esse real de *lalíngua* e do gozo sexual que a criança é, primeiramente e de maneira bruta, confrontada. Mesmo que ela nasça em um banho de linguagem, a criança recém-nascida ainda não a tem à sua disposição, ela ainda não pode fazer uso do significante. A linguagem intervém sempre sob a forma desse real que é *lalíngua* (LACAN, 1975/1998). E é no confronto com esse conjunto dos equívocos da língua, nesse "*motérialisme*, que reside a tomada do inconsciente" (LACAN, 1975/1998, p.10). A criança apreende os significantes em sua materialidade, a fim de gozar ao nível do som ou de escutar um sentido diferente da intenção de significação emitida pelo Outro. O gozo do balbúcio é um primeiro tratamento do real pela *lalíngua*, em que não se está no querer dizer, mas no querer gozar (MILLER, 1996/1998, p. 74).

Progressivamente, esse gozo autístico de *lalíngua* vai sendo substituído pelo gozo do significante, e a criança se curva à autoridade superior da linguagem. O Outro da linguagem substitui o Um sozinho de *lalíngua*, e, nessa passagem, dá-se o encontro da criança com a castração do Outro, com o desejo da mãe, que a confronta com o real do sexo como um impossível concernente ao gozo. A passagem de *lalíngua* para a linguagem implica que a criança se deixe dividir pelos significantes e sofra uma perda de gozo. Com a entrada na linguagem, o inconsciente se forma para cifrar o gozo de *lalíngua*, que resta com um real que escapa à articulação significativa. O inconsciente se forma como "um saber-fazer com *lalíngua*" e torna-se "o testemunho de um saber, no que em grande parte ele escapa ao ser falante" (LACAN, 1972-1973/1985, p.190). É a partir desse gozo interdito de *lalíngua* — gozo sexual — que, tendo-se entrado na linguagem, os sintomas necessariamente se formam.

Na "Conferência de Genebra sobre o sintoma", Lacan afirma que a infância é uma época decisiva, na medida em que é nela "que se cristaliza, para a criança, o que se deve chamar por seu nome, a saber, os sintomas" (LACAN, 1975/1998, p.9). Lacan esclarece que, se os sintomas têm um sentido, como formulou Freud, este só pode ser interpretado corretamente em função das primeiras experiências do sujeito, isto é, a partir do encontro da criança com o que ele vai chamar, "na falta de poder dizer nem mais, nem melhor", de "realidade sexual" (LACAN, 1975/1998, p.10), no que esta se especifica, no homem, "pelo fato de que não há, entre macho e fêmea, nenhuma relação instintiva" (LACAN, 1975/1998, p.11). Para a criança, o encontro com o real do sexo se dá pela incidência de um "primeiro gozar", que lhe é desconhecido e que se apresenta como exterior a ela.

Lacan retoma o caso Hans para assinalar que é o encontro com sua própria ereção, experimentada como "o que há de mais *hetero*", que está "no princípio de sua fobia" (LACAN, 1975/1998, p.10). O sintoma fóbico de Hans é a expressão do medo que suas próprias ereções lhe inspiram, no que esse gozo real separa seu pênis da unidade semântica de seu corpo e o confronta com uma hiância no saber. Sua significação é a recusa da questão que ele tem que enfrentar *encarnada* nesse objeto externo, elevado à dignidade de significante, que é "o cavalo que relincha, que dá coices, que salta, que cai no chão" (LACAN, 1975/1998, p.10), e que exprime o que acontece em seu corpo. É do gozo estrangeiro do seu órgão, *encarnado* nesse significante, que Hans tem medo. Seu sintoma é uma invenção, que amarra um gozo extraído do corpo a um elemento de sua *lalíngua*. Ele vem no lugar da causa do medo, como Hans afirma, ao dizer que pegou a sua besteira "por causa do cavalo". A causa da hiância encontrada por Hans é atribuída à mordida do cavalo, signo da mordida da mãe (MILLER, 1997). É como o seu saber inconsciente interpreta a castração e veicula, pelo viés do sintoma fóbico, o gozo cifrado de *lalíngua*. Com sua fobia, Hans encontra uma solução simbólica para separar-se desse gozo, não sem conservar, na "mancha negra" do focinho do cavalo, os vestígios de sua angústia. O significante se introduz como um "aparelho de gozo" que traduz o gozo de *lalíngua* com uma significação que reestrutura, para Hans, o campo da realidade. Ao transformar a angústia em medo localizado, essa nomeação faz a "coalescência da realidade sexual e da linguagem" (LACAN, 1975/1998, p.11)

O sintoma é essa resposta ao encontro sempre traumático do sujeito com a sexualidade, no que esta faz valer, para cada um, desde as primeiras experiências, uma antinomia entre o sentido e o real. O sintoma se constitui a partir

de um núcleo de gozo que remete a um real excluído do sentido, impossível de ser capturado ou dominado pelo saber. Aquém do sentido, ele está condicionado pelo sem sentido do gozo de *lalíngua*. O sintoma inclui essa relação ao real do buraco no saber e a invenção de saber que tenta preencher esse buraco.

O inconsciente feito de *lalíngua* é o inconsciente sujeito, que aparece e desaparece, cuja estrutura é a do "um da fenda, do traço, da ruptura" (LACAN, 1964/1985, p.30). É o inconsciente definido como algo de não realizado, "que quer se realizar" e que se apresenta como uma invenção, um achado, uma solução (LACAN, 1964/1985, p.30). É a partir desse sujeito suposto ao saber inconsciente que Lacan situa a transferência como o que faz ex-sistir o inconsciente como uma invenção de saber.

Inventar o inconsciente, que é a invenção mesma da psicanálise, é fazer com que, desse não realizado, dessa suposição, um saber se realize. Inventar o inconsciente implica supor um sentido ao sintoma sob a forma de um saber alojado no analista, isto é, é fazer com que nem tudo se passe no inconsciente real, sem o Outro (HOLVOET, 2010). O recurso ao sentido, como resposta ao gozo enigmático do sintoma, implica supor que o gozo é saber cifrado que se decifra.

O encontro com o analista oferece à criança a possibilidade de aceder ao saber inconsciente e reduzir a dimensão traumática de sua existência. O encontro de Hans com Freud, que lhe comunica o que seu inconsciente já havia interpretado, traduzindo "medo de cavalo" por "medo do pai", abre-lhe um espaço de palavra que permite que ele invente uma ficção excepcional, por meio da qual ele constrói um objeto destacável do corpo, que o dispensa de sua fobia. Hans se separa do gozo veiculado pelo significante cavalo, que se repetia sem conseguir representá-lo e que o aprisionava nos limites estreitos que seu sintoma lhe impunha. A extração desse objeto é feita com os elementos de sua *lalíngua*. Em torno do significante cavalo, Hans desenvolve "todas as permutações possíveis de um número limitado de significantes", por meio das quais a conversão da mordida do cavalo em desmontagem da banheira representa o declínio da mãe como uma potência opaca, ameaçadora e sem lei. A ficção da banheira dá um lugar a Hans e constitui uma solução que o separa do gozo mortífero de sua fobia.

As elaborações do último ensino de Lacan sobre o sintoma como um modo de gozo constituem um esforço para instalar o sentido no real (MILLER, 2008). O gozo do sintoma, no que ele supõe o silêncio da pulsão, coloca a questão do papel da interpretação. Para além do inconsciente como produtor de sentido, o modo de interpretação é, antes, um desarranjo do bom ordenamento do sentido. Nesse nível, o fundamento da interpretação está na materialidade do significante,

no equívoco, no não senso, no corte que reconduz o sujeito à opacidade de seu gozo, ou seja, que intervém no nível do inconsciente como colocação em jogo da pulsão (LACADÉE, 2003).

Referências

HOLVOET, D. "Conditions actuelles du traumatisme", *Scripta documents: traumatisme et symptôme dans l'enfance*, Publicação da Escola da Causa Freudiana, ACF - Envers de Paris, p.7-16.

LACADÉE, P. "La réalité de l'inconscient e l'act analitique", In: *La malentendu de l'enfant*. France: Payot Lausanne, 2003, p.283-295.

LACAN, J. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. (1964). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. (1972-1973). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, J. (1974). "A terceira", *Opção Lacaniana*, São Paulo: Eólia, n.62, 2011, p.11-36.

LACAN, J. (1975). "Conferência de Genebra sobre o sintoma", *Opção Lacaniana*, São Paulo: Eólia, n.23, 1998, p.6-16.

MILLER, J.-A. "Biologia lacaniana", *Opção Lacaniana*, São Paulo: Eólia, n.41, 2004, p.7-67.

MILLER, J.-A. *El partenaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós, 2008.

MILLER, J.-A. (1996) "Monólogo da Apparola", *Opção Lacaniana*, São Paulo: Eólia. N.23, 1998, p. 68-76.

MILLER, J.-A. (2011) "Ler um sintoma": Blog amp. Disponível em: <http://ampblog2006.blogspot.com.br/2011/08/jacques-alain-miller-ler-um-sintoma.html>. Acesso em: 15/03/2014.

MILLER, J.-A. "O falo barrado", In: *Lacan elucidado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.457-475.

MILLER, J.-A. "Préface", In: *L'inconsciente de l'enfant*. Paris: Navarin, 2013, p.9-12.